

MAIÊUTICA
GEOGRAFIA



UNIASSELVI

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
LEONARDO DA VINCI**

Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito
89130-000 - INDAIAL/SC
www.uniassevi.com.br

REVISTA MAIÊUTICA

Geografia

Publicação de Divulgação Científica e Cultural do Núcleo de Educação a Distância do Centro
Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

UNIASSELVI 2016

Presidente do Grupo UNIASSELVI

Prof. Pedro Jorge Guterres Quintans Graça

Reitor da UNIASSELVI

Prof. Hermínio Kloch

Pró-Reitora de Ensino de Graduação Presencial

Profa. Marilda Regiani Olbrzymek

Pró-Reitora de Ensino de Graduação a Distância

Prof.^a Francieli Stano Torres

Pró-Reitor Operacional de Graduação a Distância

Prof. Hermínio Kloch

Diretor Executivo Unidades Presenciais

Prof. Ivan Carlos Hort

Diretor de Educação Continuada

Prof. Carlos Fabiano Fistarol

Editor da Revista Maiêutica

Prof. Luis Augusto Ebert

Comissão Científica

Kátia Spinelli, Débora Mabel, Maria Helena Lenzi e
Wanderlei Machado dos Santos

Editoração e Diagramação

Davi Phelippe Bloedorn

Capa

Cleo Schirmann

Revisão Final

Joice Carneiro Werlang

Marcio Kisner

Publicação *On-line*

Propriedade do Centro Universitário Leonardo da Vinci

Apresentação

A Revista Maiêutica de Licenciatura em Geografia, que apresentamos a você com grande satisfação, abrange um conjunto de artigos específicos da área de geografia e temas relacionados. Esses textos levam os processos educativos à instância da aprendizagem cooperativa, uma vez que fomentam a atuação conjunta de professores, tutores e acadêmicos que colaboraram e colaboram mutuamente, em prol de um objetivo comum: a formação do conhecimento.

O conhecimento construído aqui abrange um contexto educacional, melhoria da qualidade de vida, a preservação da natureza, o desenvolvimento sustentável e, especialmente, o conhecimento da utilização do espaço, objeto de estudo da Geografia. Compreende ainda o conhecimento de ações direcionadas à proteção e preservação dos recursos ambientais, programas de educação ambiental, entre outros.

De fato, o conhecimento gerado no conjunto destas ações volta-se para o perfil profissional qualificado do licenciado em Geografia, que, de forma crítica e criativa, percebe a sociedade e o meio ambiente com flexibilidade para adaptar-se a novas situações. Um educador habilitado a compreender, tomar decisões e propor soluções sobre os problemas da educação, aperfeiçoando a prática pedagógica em sala de aula.

Essa publicação evidencia a importância de pesquisar, aprofundar, socializar os resultados e trocar ideias e assim enriquecer o mundo acadêmico com diferentes conhecimentos. Afinal, o nome Maiêutica relembra o conceito socrático de que é preciso trazer as ideias à luz, fazer nascer o conhecimento, confirmando a dialética necessária da construção da sabedoria humana.

Convidamos você para a leitura dessa revista, para assim aspirar a cada um dos ensinamentos apresentados e, deste modo, continuar o processo de enriquecimento intelectual.

Prof.^a Katia Spinelli
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Geografia



SUMÁRIO

1 A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: da Grécia antiga ao Brasil contemporâneo – The evolution of geographical thought: from ancient Greece to contemporary Brazil Adriana Iroczinski Marcos José Machado e Silva	7
2 APLICAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS AO ENSINO DE GEOGRAFIA NO PARANÁ – Application of new technologies to the geography of education in Paraná Alessandra Daniele Kmiecik Graziela Terezinha Cristovão Lohana Maia Teodoro Lucinéia de Moura Pereira	21
3 ATIVIDADE DE CAMPO COMO PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO – Field activity as construction practice of geographic knowledge Wanderlei Machado dos Santos	35
4 DETERMINISMO E POSSIBILISMO: uma análise epistemológica e crítica – Determinism and possibilism: an epistemological and critical analysis Cristiano Nunes de Souza Jackson Mateus da Silva José Alexandre de Quadros Adriana Iaroczinski	43
5 INTERDISCIPLINARIDADE NA GEOGRAFIA: a interdisciplinaridade sob o enfoque de ensino e aprendizagem da geografia – Interdisciplinarity in geography: interdisciplinarity in the teaching approach and geography learning Kátia Van Boemel Debora Mabel Cristiano	55
6 O PLANEJAMENTO DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: teorias e aplicabilidade – Planning of geography teaching in contemporary context: theories and applicability Cláudia Lemos De Bona	65
7 VIVÊNCIA NO ESTÁGIO II: formação do professor – Experience in stage II: teacher training Ariane Antônia	79

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: da Grécia antiga ao Brasil contemporâneo

The evolution of geographical thought: from ancient Greece to contemporary Brazil

Adriana Irocinski¹

Marcos José Machado e Silva²

Resumo: Este paper tem por objetivo apresentar um breve relato sobre a evolução do pensamento geográfico ao longo da história, desde a Grécia antiga até a presente realidade brasileira. Apontando os principais pensadores, que contribuíram para a consolidação da Geografia como ciência, bem como suas obras e teorias, dentro das várias correntes de pensamento. Passando pela Idade Média, levantando as causas e consequências do declínio da produção do conhecimento científico, de modo generalizado, afetando, portanto, o desenvolvimento do pensamento geográfico. Já na Idade Moderna, assinalando o período renascentista e suas implicações, advindas do Iluminismo, inspirando a retomada da produção do conhecimento científico e filosófico, que servem de influência até hoje, principalmente a obra kantiana. Assim como a sistematização da Geografia, que ocorreu na Alemanha em fins do século XVIII e início do XIX, fornecendo as bases para as principais correntes de pensamento, desenvolvidas pelas escolas francesa e alemã, no princípio do século XX, considerando o imperialismo norte-americano e o expansionismo europeu. E finalmente, os movimentos de renovação da Geografia, segundo o ideário marxista, motivados pela ascensão do capitalismo no mundo, que permeia o pensamento geográfico contemporâneo, inclusive no Brasil. E ainda, vislumbrando a formação de uma vertente crítico-cultural brasileira. Observando e contextualizando os aspectos em sua relevância para o real desenvolvimento da Geografia enquanto disciplina e ciência.

Palavras-chave: Pensamento geográfico. Epistemologia. Geografia.

Abstract: This paper aims to present a brief account of the evolution of geographical thought, throughout history, from ancient Greece to the present Brazilian reality. Pointing leading thinkers who contributed to the consolidation of Geography as a science, as well as his works and theories within various schools of thought, which we have in the epistemology of geography. Starting from the classical antiquity, enunciating the greatest Greek thinkers and their contributions to geography. Through the Middle Ages, lifting the causes and consequences of the decline in production of scientific knowledge, in a generalized way, thus affecting the development of geographical thought. In the modern age, marking the Renaissance period and its implications, resulting from the Enlightenment, inspiring the resumption of production of scientific and philosophical knowledge, which serve to influence today, especially Kant's work. As well as the systematization of geography that took place in Germany in the late eighteenth and early nineteenth centuries, providing the basis for the main currents of thought developed by the French and German schools, in the early twentieth century, considering the US imperialism and European expansionism. And finally, the renewal movements of geography, according to the Marxist ideology, motivated by the rise of capitalism in the world that permeates the contemporary geographical thought, including Brazil. And even glimpsing the formation of a Brazilian critic and cultural aspects. Observing and contextualizing aspects in its relevance to the actual development of geography as a discipline and science.

Keywords: Geographical thought. Epistemology. Geography.

Introdução

O principal objetivo desta pesquisa é apresentar uma compilação sobre a evolução do pensamento geográfico, ao longo da história, desde a Grécia antiga até a contemporaneidade, revelando os principais estudiosos que contribuíram para o desenvolvimento da Geografia

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

² Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

como ciência e apontando as principais teorias e correntes de pensamento, que são as bases da epistemologia da Geografia.

A necessidade do ser humano de conhecer o meio em que vive remonta aos tempos mais antigos, em todos os períodos da história da humanidade. Variando apenas a sua motivação, quase sempre por questões de sobrevivência, mas também por razões econômicas e políticas ou, simplesmente, por curiosidade, visto que foram encontradas pinturas rupestres em cavernas, produzidas no período pré-histórico, que representavam limites das aldeias e áreas de caça. Assim como civilizações antigas, 2.500 a.C., a exemplo dos sumérios e dos chineses, que já produziam mapas com finalidades político-econômicas. Então a Cartografia é tida como ponto de partida para a construção do saber geográfico.

Entretanto, o que é Geografia? É o estudo da Terra, do espaço geográfico, da interação entre homem e natureza? Sim, é tudo isso, afinal, a Geografia é uma ciência de síntese, que mescla saberes de várias áreas do conhecimento, tais como Filosofia, História, Biologia, Química, Física, Matemática, Economia, Estatística, Política e Sociologia, entre outras.

Segundo Conti (2012), a Geografia estuda o espaço e as relações que acontecem nele, e o espaço é uma construção do trabalho humano sobre um ambiente natural. Então, a Geografia é o estudo das organizações e dos arranjos espaciais.

Portanto, estudar Geografia não se resume a decorar países e suas capitais e nomes dos afluentes do Rio Amazonas ou a ordem dos planetas do Sistema Solar. Trata-se de um estudo que compreende toda relação existente entre os fenômenos naturais e sociais, e as transformações que estes produzem entre si. Quer seja o homem alterando o meio em que vive ou a natureza se impondo à vontade humana.

Antiguidade clássica

Na Grécia antiga, muitos pensadores se destacaram nos campos da Matemática, Astronomia, História e Filosofia Natural, precursora de ciências modernas como Física e Biologia, de suma importância ao desenvolvimento da ciência geográfica. Por outro lado, vamos nos ater somente aos principais e verificar quais foram suas contribuições mais relevantes dentro deste estudo.

Sendo considerado por muitos como o primeiro geógrafo, Heródoto (485-420 a.C.), o “pai da história”, descreveu muito bem a Geografia dos países que visitou em suas viagens, como o Egito, a Líbia e a Macedônia, entre outras. Apesar de sua obra ser considerada exagerada quanto à extensão de suas viagens e as fontes criadas, possui importantes trabalhos nas áreas de etnografia e antropologia. Não obstante, Yves Lacoste, geógrafo francês da atualidade, deu reconhecimento a Heródoto, batizando com seu nome a mais importante revista sobre geopolítica da França. Enquanto que Eratóstenes de Cirene (276-194 a.C.) ficou conhecido como fundador da disciplina de Geografia, e cunhou os termos “geografia” e “geógrafo”. Também lhe trouxe notoriedade, seu cálculo da circunferência terrestre muito precisa para a época, algo entre 37 e 45 mil km, hoje comprovado um valor aproximado de 40.070 km.

Igualmente, Strabo ou Estrabão (63 a.C. - 24 d.C.), que a partir de sua obra “Geografia”, um tratado com 17 volumes, descreveu suas viagens por todo o mundo naquela época, contendo a história e a descrição dos locais e dos povos que os habitavam.

Tanto quanto Ptolomeu (90-168 d.C.), astrônomo e matemático, famoso por calcular as órbitas dos planetas, usando círculos, epiciclos e equantes, na tentativa de corroborar o sistema geocêntrico aristotélico. Também desenvolveu técnicas de projeções cartográficas, globos e mapas. Além de compilar e sumarizar todo o conhecimento geográfico até seu tempo.

Significativamente, todos os filósofos naturais gregos deixaram contribuições acerca do desenvolvimento do pensamento geográfico, conforme aponta Cavalcanti (2010, p. 32):

Ocuparam-se sistematicamente com pesquisas na área das ciências naturais, demonstrando interesse principalmente por cosmologia (cartografia); seus métodos de análise não se restringiam à geografia, mas também abrangem a teoria do conhecimento e das ideias. Considerando a filosofia uma característica de todas as realidades naturais e humanas e que todo o universo poderia ser entendido a partir de uma perspectiva histórico-evolutiva, estabeleceram e realizaram estudos sobre diversos temas, povos, lugares, linguagens etc., capazes de evoluírem e crescerem continuamente.

Contudo, não citaremos todos os pensadores gregos, que de algum modo contribuíram na formação do pensamento geográfico, sem desmerecê-los obviamente, simplesmente por não ser esse o nosso objetivo, e sim apresentar o início desta caminhada rumo ao conhecimento geográfico. No entanto, observa-se inegavelmente a enorme importância que os gregos exerceram neste prefácio da construção do saber geográfico e científico em geral.

Idade média

A “Era das Trevas” foi o período de maior estagnação, e até retrocesso do pensamento geográfico. Visto que o isolamento e a divisão das sociedades, também a restrição da liberdade e o temor religioso, impediam a propagação de ideias. Quando em meados do século V d.C. houve a queda do Império Romano do Ocidente e a ascensão do Cristianismo, ocorreu um declínio acentuado na produção do conhecimento científico e geográfico.

O fervor intelectual que havia favorecido a reflexão sobre a forma e a configuração da Terra desapareceu. O Estoicismo deixou de apoiar-se na hipótese geocêntrica e na imagem de um mundo harmonioso que daí emanava. As formas de construção social que triunfaram na Idade Média assentam em relações pessoais: é através de notáveis locais que o poder se exerce a distância; como tal, não é necessário formalizar o saber geográfico nesta sociedade: o conhecimento das pessoas é suficiente (CLAVAL, 1996, p. 17-18 apud DANTAS; MEDEIROS, 2008, p. 2).

Portanto, entre os séculos VI e XV, as invasões bárbaras, as constantes guerras e o feudalismo instalado na Europa ocidental isolaram povos e sociedades que almejavam se tornar autossuficientes, baseando sua economia na agricultura de subsistência. De modo que enfraqueceram consideravelmente o comércio e dificultaram sobremaneira as viagens.

Assim sendo, o fortalecimento da Igreja Católica, política e economicamente, impôs obediência e subserviência aos preceitos e dogmas instituídos pela religião. Aliada à Aristocracia, a Igreja Católica oprimiu e reprimiu os indivíduos que discordassem da “Palavra de Deus”, que consistia na interpretação das escrituras, em benefício próprio desta classe dominante. Logo, todas as respostas para a problemática humana deveriam advir de interpretações bíblicas, em detrimento de todo o conhecimento científico produzido até então.

Contudo, a partir das Cruzadas da Igreja Católica, por volta do século XI, muitos cavaleiros que retornavam do oriente saqueavam cidades e estabeleciam pequenos comércios ao longo das principais rotas. Conjuntamente com a expansão do Império Muçulmano, serviram para dar novo impulso ao comércio e às viagens, alimentando a necessidade de conhecer o mundo. De modo que, com as traduções do grego para o árabe das obras de Ptolomeu, ciências como a Astronomia, a Matemática e também a Geografia se desenvolveram no oriente.

O Império Muçulmano dominava uma área muito vasta, desde o Afeganistão até o Atlântico [...] devido a problemas de ordem militar e administrativa (tal como os Impérios Grego e Romano) surgiu a necessidade de conhecer o mundo. Ao mesmo tempo surgia também a necessidade religiosa de viajar, na medida em que todo muçulmano tem de ir à Meca, pelo menos uma vez na vida. A geografia verificou um novo avanço. Entre os viajantes árabes destacam-se Al-Biruni, Al-Idrisi e Ibn Battuta, que escreveram extensos e valiosos relatos sobre as regiões por onde viajaram. Por outro lado, os monarcas muçulmanos promoveram as ciências e as artes (FERREIRA; SIMÕES, 1990, p. 48-49).

Igualmente, a decadência do feudalismo, no final do século XV iniciou uma nova era de descobrimentos e conquistas, abrindo espaço novamente para a evolução das ciências como um todo. Ademais, com o advento das grandes navegações, houve a retomada do saber geográfico. Graças às expedições marítimas dos países europeus, como Portugal, Espanha, França e Inglaterra se oficializaram o descobrimento das Américas, dando início a sua colonização. Sendo assim, a Cartografia se aprimorou devido à confecção de mapas mais precisos, utilizando descrições mais fiéis dos traçados dos continentes.

Idade moderna

Período de grande avanço, a partir do século XVI, o “Renascimento Cultural”, desencadeado por personalidades como Leonardo da Vinci e Isaac Newton, contribuiu de forma sem precedentes para o desenvolvimento científico. Desta maneira, Galileu Galilei, defendendo o sistema Heliocêntrico de Nicolau Copérnico, vislumbrado por Giordano Bruno, atestado matematicamente por Johannes Kepler, embasado em dados de Tycho Brahe, evidencia as conquistas científicas desta época. Porém, para a Geografia, é no século XVIII que filósofos como Goethe, Montesquieu e Kant apresentaram ideias e teorias importantes, em torno da construção do pensamento geográfico, derivadas do romantismo e do positivismo.

Sendo que o prussiano Immanuel Kant (1724-1804) foi o filósofo mais importante desde o grego Aristóteles (385-322 a.C.), e seu tributo à geografia é atestado quando, por aproximadamente 40 anos, lecionou Geografia como disciplina da Universidade de Königsberg, antes da criação da cátedra, em 1820, por Karl Ritter. Portanto, Kant é considerado fundador do conhecimento geográfico moderno. Apesar de nunca ter saído de sua cidade para investigação, utilizou dados compilados de vários cientistas, militares, navegadores e viajantes além de mapas. Para Campos (2001), a Geografia de Kant é uma ciência não apenas ideográfica e empírica, mas também descritiva, tendo como objetivo determinar uma visão de conjunto da superfície terrestre.

Kant substituiu a superfície terrestre pelo conceito do espaço como referência da geografia, produzindo uma ruptura entre a superfície terrestre e espaço na sequência da tradição que até hoje tem seus efeitos. [...] a geografia regida pelo espaço, e a história, regida pelo tempo, conjuntamente constituem o estudo da relação do homem com a natureza (MOREIRA, 2008, p. 18-19).

Ademais, a filosofia de Kant foi fortemente influenciada pela física newtoniana e pelo pensamento iluminista. Segundo Kant (1979), podemos imaginar o espaço e o tempo vazio de objetos, porém, não podemos conceber os objetos fora do espaço e do tempo. Faz então uma relação espaço (geografia) e tempo (história), em que há uma interação entre os seres vivos e a paisagem, numa realidade em constante mudança. De acordo com Tanaka (2010, p. 67):

[...] uma vez que a ele é atribuída a introdução da discussão do espaço e da região em geografia. Portanto, um dos objetos de investigação tão amplamente estudados hoje em geografia remonta à vanguarda de Immanuel Kant, já no século XVIII. Para Kant, o espaço é condição para as experiências dos objetos e uma representação necessária a toda experiência externa, por meio da intuição (do contato imediato com o objeto) e da representação (advinda da singularidade do objeto). Nada pode ser representado sem o espaço.

Entretanto, sua obra não pode ser rotulada simplesmente como um tratado de geografia descritiva e deve ser analisada no contexto da sua visão filosófica, no que tange aos conceitos de natureza, espaço, tempo e matéria. Sendo ainda influência para geógrafos posteriores, como Hettner, Hartshorne, Dithley, entre muitos.

A sistematização da geografia

A sistematização da Geografia como ciência é atribuída aos alemães Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), pois desenvolveram importantes estudos e teorias na primeira metade do século XIX. Rompendo com o pensamento marcado por crenças, mitos e superstições, considerando apenas o uso da razão para explicar o espaço e suas características físicas e humanas. Como afirma Moraes (2002, p. 15):

Humboldt e Ritter são, sem dúvida, os pensadores que dão impulso inicial à sistematização geográfica, são eles que fornecem os primeiros delineamentos claros do domínio dessa disciplina em sua acepção moderna, que elaboram as primeiras tentativas de lhe definir o objeto, que realizam as primeiras padronizações conceituais [...].

Visto que a Geografia Tradicional, como é chamada a sistematização de Humboldt e Ritter, de acordo com Moraes (1993) é fundamentada no positivismo de Auguste Comte, devido ao caráter empírico do estudo, o cientista é um simples observador da realidade exposta pela natureza.

Logo, a combinação da metodologia de investigação científica determinista e iluminista com uma concepção romântica da natureza são traços comuns, tanto em Humboldt quanto em Ritter.

Também é observada influência kantiana nas obras de Humboldt. Assim como Kant se refere às partes do espaço em relação ao espaço totalizante, Humboldt descreve regiões em relação umas às outras, salientando a interação entre elas. Seguindo a tradição iluminista, busca com essas comparações, formular princípios gerais que pudessem se encaixar universalmente em qualquer realidade. De maneira que, somando seu vasto conhecimento em áreas científicas, como Botânica, Geologia, Zoologia, entre muitas outras, com suas coletas de dados em expedições a vários países, inclusive americanos, e parcerias com importantes cientistas da época, a Humboldt é atribuído um inigualável reconhecimento nos campos da Geomorfologia, Biogeografia e Climatologia. Decorrente da sua formação e experiência pessoal, associava o ser humano e a vida em sociedade às características físicas, biológicas e naturais para explicar as relações espaço-temporais. De modo que tal pensamento foi precursor dos ideais de Friedrich Ratzel, um dos formuladores do determinismo geográfico.

No entanto, Ritter não realizou grandes viagens, porém, era fervoroso leitor do conhecimento científico disponível em sua época. Deste jeito, buscou relacionar a natureza com a história, pois acreditava que a humanidade também exerce influência na natureza. Assim sendo,

justificava que as regiões da terra afetam seus habitantes do mesmo modo que seus habitantes as afetam, constituindo os alicerces da Geografia Humana. Influenciou o pensamento geográfico possibilista de Paul Vidal de La Blache.

Sobretudo, Humboldt e Ritter, de maneiras distintas, apresentam a Geografia como uma área do conhecimento em que aspectos físicos e humanos são indissociáveis. Apesar de uma análise mais aprofundada de suas teorias revelar que simplesmente não é possível rotular suas obras como Geografia Física e Humana, respectivamente, já que homem e natureza se harmonizam visando a acomodar princípios científicos, dentro de uma perspectiva histórica dos problemas geográficos.

Se em Kant, a revolução copernicana na filosofia instaura o ponto de vista humano na constituição do nosso conhecimento empírico, com Humboldt e Ritter, a visão puramente descritiva da natureza cede lugar à historicização dos fenômenos e da paisagem terrestre, incentivando um processo crescente de humanização da natureza que irá culminar na busca da compreensão de fatores políticos, sociais e culturais na constituição do espaço geográfico (FRANCIOTTI, 2013, p. 121).

Muito embora se verifique que a sistematização da Geografia, promovida por Humboldt e Ritter, deu início ao desenvolvimento de teorias que vão sustentar-se até a metade do século XX, quando surge uma nova corrente de pensamento, de viés marxista, contrapondo-se à ascensão do capitalismo no mundo, denominada Geografia Crítica, que tem em um de seus mais notáveis representantes, a figura do brasileiro Milton Santos.

O determinismo ambiental

Friedrich Ratzel (1844-1904), também alemão, obteve destaque por ser considerado o fundador da moderna Geografia Humana, por sua concepção de Antropogeografia, além de ser responsável por estabelecer, como disciplina, a Geografia Política. Sofreu influência de Humboldt, Ritter e do darwinismo social. Procurando investigar a formação histórica do Estado no processo civilizatório complexo das sociedades, cria o conceito de “espaço vital”, que seria a região necessária para abrigar uma população. Portanto, esta corrente de pensamento estabelece uma dependência incrível do ser homem para com a natureza, de modo que o desenvolvimento humano é determinado pelas condições físicas, tais como: relevo, solo, vegetação e, principalmente, o clima.

Foi o determinismo ambiental o primeiro paradigma a caracterizar a Geografia que emerge no final do século XIX [...]. Seus defensores afirmam que as condições naturais, especialmente as climáticas, e dentro delas a variação de temperatura ao longo das estações do ano, determinava o comportamento do homem, interferindo na sua capacidade de progredir. Cresceriam aqueles países ou povos que estivessem localizados em áreas climáticas mais propícias (CORRÊA, 1995, p. 9).

É importante frisar que o título de determinista foi imposto a Ratzel pelo geógrafo francês Lucien Febvre (1878-1956), por sua interpretação da obra ratzeliana. Inquestionavelmente, Ratzel foi o maior gênio incompreendido dentro da história da Geografia, pois seus ideais foram deturpados pelos franceses, temerosos pela unificação alemã, em plena Revolução Industrial e corrompidos pelos nazistas, com intuito de justificar a expansão territorial da Alemanha.

O possibilismo geográfico

Na vertente possibilista, que teve como precursor Paul Vidal de La Blache, verifica-se que a interação entre homem/meio ocorre em toda a sua complexidade, enfatizando as ações humanas transformadoras da natureza. Foi Febvre que denominou como possibilista o pensamento lablachiano, devido Vidal De La Blache utilizar o termo “possibilidades ambientais” em seus trabalhos. O contraponto ao determinismo está na rejeição da ideia de que o ser humano é passivo, submetido às condições naturais e forçado a se adaptar para sobreviver. Para Dantas e Medeiros:

Uma individualidade geográfica não resulta da simples consideração da geologia e do clima. Isso não é uma coisa dada de antemão pela natureza. É preciso partir da ideia de que uma região é um reservatório onde dormem energias na qual a natureza depositou o germe, mas cujo emprego depende do homem. É ele quem, ao submetê-las ao seu uso, traz à luz sua individualidade (VIDAL de LA BLACHE, 1979, p. 33 apud DANTAS; MEDEIROS, 2008, p. 7).

Concomitantemente, o estado francês reconheceu a relevância da Geografia após a derrota para a Alemanha na guerra franco-prussiana de 1870, seguido ao conflito da primeira guerra mundial. Foi quando o interesse pelo conhecimento geográfico se disseminou na sociedade francesa, se instalando em todo o sistema de ensino.

Na segunda metade do século XIX, a França e a Alemanha, no caso ainda a Prússia, disputam a hegemonia, no controle continental da Europa. Havia entre os dois países, um choque de interesses nacionais, uma disputa entre imperialismos. Tal situação culminou com a guerra franco-prussiana, em 1870, na qual a Prússia saiu vencedora. A França perde os territórios de Alsácia e Lorena, vitais para sua industrialização, pois neles se localizavam suas principais reservas de carvão. No contexto da guerra, caiu o Segundo Império de Luís Bonaparte, ocorreu o levante da Comuna de Paris, e, sob as suas ruínas, ergueu-se, com o beneplácito prussiano, a Terceira República francesa. Foi nesse período que a Geografia se desenvolveu com o apoio deliberado do estado francês. Esta disciplina foi colocada em todas as séries do ensino básico e foram criados cátedras e institutos de Geografia (MORAES, 1993, p. 63-64).

Portanto, o pensamento lablachiano defende que o meio natural oferece possibilidades, ou seja, condições ao ser humano de adequá-lo às suas necessidades. Influenciou Pierre Monbeig, importante geógrafo francês que lecionou na recém-criada Universidade de São Paulo, entre 1935 e 1946, nas cátedras de Geografia Física e Humana. Desempenhando papel preponderante na formação do pensamento geográfico brasileiro.

O capitalismo e a geografia

Embora Karl Marx (1818-1883) não tenha abordado a Geografia em sua obra, muitos autores a veem sob o viés marxista, como David Harvey, geógrafo britânico contemporâneo, entendendo que a Geografia está a serviço do capitalismo. De modo que a relação do Capitalismo com a Geografia vem desde o período colonial, perpetuado pelos países europeus a partir do século XVI, quando as classes burguesas apoiadas pela nobreza começaram a explorar terras longínquas, com a intenção de auferir lucro.

Sendo que a Cartografia foi ferramenta essencial para o desenvolvimento da navegação, na produção de mapas e cartas náuticas. Já a Geografia Física era utilizada para descrever as

novas terras, em sua topografia, sua vegetação e seu clima, a fim de localizar jazidas de minerais nobres e outras riquezas naturais, que pudessem ser facilmente extraídas. Enquanto que a Geografia Humana foi usada para descrever as ações dos habitantes destas terras desconhecidas, revelando, desta forma, suas organizações políticas, econômicas, demográficas e religiosas.

Com esses recursos geográficos, a burguesia sobrepujou, solapou por fora e subverteu por dentro os poderes feudais restritos a territórios. Também por meio deles, a burguesia transformou o Estado (com suas forças militar, organizacional e fiscal) no executor de suas próprias ambições. E, uma vez no poder, continuou a realizar sua missão revolucionária, em parte via transformações geográficas internas e externas (HARVEY, 2004, p. 40).

Enquanto que no período da segunda fase da Revolução Industrial, final do século XIX, havia dependência entre fornecedores de matéria-prima e as grandes potências industriais, acarretando mudanças significativas no espaço geográfico e no desenvolvimento humano dos países exportadores, devido à implementação de meios de escoamento dos produtos destinados ao mercado internacional, como ferrovias e portos. Sendo assim, o capital acumulado pelos países ricos foi investido nos países em desenvolvimento, com intuito de abrir novos mercados consumidores.

A renovação da geografia começa no idos de 1950, quando a Geografia Tradicional não dá conta de atender aos anseios da sociedade capitalista, após a Crise Mundial de 1929. Porém, essa mudança ocorre apenas no âmbito metodológico, legitimando os interesses capitalistas de modo a orientar sua expansão. Realocando o capital em outros espaços, através da acumulação pela maximização dos lucros e exploração do trabalho. Essa Nova Geografia recebeu outras denominações, como Pragmática, ou ainda, Teorética:

A Geografia Pragmática é uma tentativa de contemporaneizar, em vista dessa nova função, este campo específico do conhecimento, sem romper seu conteúdo de classe. Suas propostas visam apenas uma redefinição das formas de veicular os interesses do capital, daí sua crítica à Geografia Tradicional (MORAES, 1993, p. 101).

Ainda de acordo com Moraes (1993), o Capitalismo Liberal já não se sustentava mais e o Estado deveria assumir o controle e a regulação do mercado, assim como o planejamento e a organização territorial do espaço. Assim como defende Moreira (2007, p. 48):

O Estado é o grande agente da nova ordenação. E a cidade e os meios de circulação, os seus agentes geográficos por excelência. Visando dar a tudo essa direção mercantil, o Estado uniformiza sob um mesmo padrão os pesos e as medidas, a moeda, as diferenças étnicas, religiosas e linguísticas, unificando e criando o território nacional.

Portanto, a Geografia serviu como instrumento de implementação, manutenção e legitimação do capitalismo no mundo. Servindo aos interesses das classes dominantes como ferramenta de difusão do sistema capitalista. No princípio, alavancando o colonialismo com a decadência do feudalismo. Em seguida, inspirando o imperialismo das grandes potências bélicas e econômicas de modo a expandir seus territórios, através do conflito armado, ou pelo embargo comercial. Destarte infligindo aos países mais pobres dependência econômica, que sustenta o capitalismo selvagem na era da globalização.

A geografia crítica/radical

A Geografia Crítica e Geografia Radical surgem paralelamente, entre as décadas de 60 e 70 do século passado, motivados pela discordância de geógrafos da época em relação à Geografia Tradicional e à Geografia Quantitativa. Em oposição ao empirismo neopositivista que vinha sendo aplicado às questões geográficas, sempre em favor do Estado ou atendendo aos interesses do capital, em detrimento aos problemas socioeconômicos e ambientais. Sobre essa vertente crítica, afirma Moraes (1993, p. 120):

Seus autores mostram as vinculações entre as teorias geográficas e o imperialismo, a ideia do progresso veiculando sempre uma apologia da expansão. Enfim, os geógrafos críticos apontaram a relação entre a geografia e a superestrutura da dominação de classe, na sociedade capitalista. Desvendaram as máscaras sociais aí contidas, pondo à luz os compromissos sociais do discurso geográfico, seu caráter classista. As razões da crise foram buscadas fora da Geografia.

Portanto, os movimentos de renovação da Geografia com base teórico-marxista, ainda que não contemplem o socialismo puro ou ortodoxo, definitivamente rompem com a visão classista e dominadora imposta pelo sistema capitalista, pois se preocupam com questões sociais e ambientais relacionadas ao espaço geográfico, e que mais recentemente fazem uma abordagem considerando além da luta de classes outras problemáticas sociais que envolvem desde diferenças de gênero, raça, religião etc., vindo a influenciar outras linhas de pensamento, tais como a Geografia Cultural e a Geografia Comportamental ou da Percepção, que rendem assunto para outro artigo, de modo que não discorreremos sobre tal.

A geografia brasileira

A institucionalização da Geografia científica no Brasil aconteceu na década de 1930, pois anteriormente era apenas uma disciplina do ensino secundário. Não havia autonomia na produção do conhecimento geográfico, dispersado em ensaios superficiais, entretanto, após a criação da Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal o curso de Geografia foi implantado, a nível superior de bacharelado, para formação de pesquisadores. Para tanto, foram convidados os professores franceses Pierre Deffontaines (1894-1978) e Pierre Monbeig (1908-1987), de forte inspiração lablachiana, que enfatizavam a Geografia Regional e a Humana, sistematizando a implementação da cátedra de Geografia nas universidades brasileiras.

Não obstante a fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também nesta época, com a finalidade de produção de dados estatísticos para uso governamental, fomenta a profissão de geógrafo. E a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), que através de congressos nacionais, torna possível a divulgação da pesquisa geográfica científica. Desta maneira, confirma Machado (1995, p. 14):

[...] o verdadeiro impulso de modernização do saber geográfico é recebido com a implantação das instituições mencionadas e das relações estabelecidas entre seus profissionais. Diversos geógrafos que dedicaram estudos à historiografia da geografia brasileira, guardando as devidas especificidades de seus trabalhos, apresentam também sua modernização a partir do processo institucional [...].

De modo que, sobre a sistematização da Geografia no Brasil, atesta Pereira (1994, p. 439-440):

Ao movimento de renovação ligaram-se estreitamente diversos especialistas estrangeiros, que foram ativos transmissores da cultura geográfica moderna. Imprimindo a orientação científica dos métodos de pesquisas geográficas, introduzindo ou aperfeiçoando a técnica das observações sobre o terreno, estimulando as pesquisas iniciais, divulgando os processos modernos do ensino geográfico, estabelecendo e sistematizando as normas de elaboração e de redação de um trabalho geográfico, descendo, posteriormente, ao esclarecimento de pormenores técnicos relacionados com o trabalho de campo, nas pesquisas originais de geografia regional, debatendo, em seminários ou em tertúlias, temas e questões da maior importância geográfica, os professores estrangeiros imprimiram, efetivamente, uma grande orientação ao movimento renovador da geografia no Brasil. Pela primeira vez no país, os estudos geográficos e as pesquisas realizadas foram levados a efeito ou tiveram a orientação de geógrafos propriamente ditos.

Acompanhando as tendências da evolução do pensamento geográfico contemporâneo, a Geografia Crítica representada por Milton Santos repercutiu internacionalmente, e não somente no Brasil. Visto que Milton Santos é considerado o mais importante geógrafo brasileiro por suas premiações internacionais, como o prêmio Vautrin Lud, equivalente ao Nobel da Geografia. De modo que em sua obra, critica o sistema capitalista e os paradigmas vigentes da Geografia Tradicional. Portanto, sugere uma Geografia Nova na qual o caráter social do espaço deve ser o objeto de estudo, e a maior preocupação para o geógrafo. Além disso, criticou severamente o processo de globalização da forma como se apresenta. Para tanto, concebeu o conceito de “meio técnico-científico-informacional”, que seria a transformação do espaço natural realizada pelo homem através do uso das técnicas, que se difundiram graças ao processo de globalização e a propagação de novas tecnologias.

Empreendi a fundamentação da ideia de que a geografia é uma filosofia das técnicas. E como tal, ela só podia se tornar teórica com a globalização, porque antes não havia técnicas planetárias e a universalidade dos filósofos não havia se tornado empírica [...] que só podia brotar da cabeça de geógrafo, vendo como os lugares se tornam parecidos, na sua enorme diferenciação, com a globalização (SANTOS, 1999, p. 6).

Apesar de não ser uma tendência recente, a Geografia Cultural, aquela defendida por Carl Sauer (1889-1975), não obteve muita expressão no Brasil. Em contrapartida, a ótica de Paul Claval, na sua Nova Geografia Cultural, tem se destacado no meio acadêmico, nos últimos anos. De modo que Claval se diferencia de Sauer por se preocupar mais em compreender e explicar, do que descrever o mundo. Então, temas como paisagem cultural, região cultural, cultura popular e religião devem ser objeto de estudo.

Insistindo sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do vivido, sobre o peso das representações religiosas, torna indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais. É necessário conhecer a lógica profunda das ideias, das ideologias ou das religiões para ver como elas modelam a experiência que as pessoas têm do mundo e como influem sobre sua ação (CLAVAL, 2001, p. 53).

Embora a implementação da ciência geográfica brasileira tenha se efetivado pelo viés lablachiano, acabou a serviço dos interesses estatais mediante institucionalização, sob o controle exercido por órgãos como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), principalmente durante o governo militar. Todavia, a ciência geográfica brasileira cresceu, muito do que, impelida por debates e congressos promovidos pela AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros). Também em virtude da criação de mestrados e doutorados, nas maiores universidades do

Brasil, durante as últimas décadas.

Portanto, está alicerçada na escola francesa, de base lablachiana, reforçada pelo mérito da atuação de geógrafos como Deffontaines, Monbeig, Milton Santos e Claval, formando então um pensamento geográfico crítico-cultural.

Considerações finais

A Geografia que nasceu na Grécia antiga, motivada pela curiosidade dos filósofos, tinha caráter meramente descritivo, entretanto, foi o início da construção do pensamento geográfico.

Durante a Idade Média, a produção do conhecimento científico em geral foi prejudicada, pois o sistema feudal instalado na Europa e a hegemonia da Igreja Católica impediam a difusão de ideias, através da dominação e imposição do temor religioso. No entanto, no oriente, com a expansão do Império Muçulmano e a tradução das obras de Ptolomeu para o árabe, ocorre uma retomada da produção do conhecimento de ciências, como a Astronomia, a Matemática e a Geografia. Todavia, somente com o declínio do Feudalismo, com a Reforma Protestante e o início das Grandes Navegações é que a ciência retoma o desenvolvimento no ocidente.

Já na Idade Moderna, é no período renascentista que o Iluminismo proporciona um avanço científico significativo. Porém, a Geografia somente volta a crescer com a filosofia kantiana, de modo que esta serve de influência para muitos geógrafos posteriormente. Embora a inserção da Geografia no meio acadêmico ocorra somente após a sistematização promovida por Humboldt e Ritter, que a dividiu em duas: Geografia Física e Geografia Humana. Nas correntes de pensamentos de Ratzel e Vidal de La Blache, a Geografia é discutida e utilizada como ideologia, para justificar o expansionismo europeu e o imperialismo norte-americano.

O capitalismo instituído no mundo a partir do período colonialista e com a mudança nos modos de produção, conferiu à Geografia caráter de ferramenta de expansão, manutenção e legitimação do sistema capitalista, sendo que o ideário marxista inspira o pensamento geográfico mais recente, como as correntes da Geografia Crítica e da Geografia Radical.

No Brasil, ainda que a sistematização da ciência geográfica tenha por base a vertente humanística de Vidal de La Blache, é a corrente crítica que se estabeleceu depois do movimento de renovação, e dominou a linha de pensamento até recentemente, representada por Milton Santos. Todavia, a influência de Claval, a nível acadêmico, com sua Nova Geografia Cultural, está formando um pensamento crítico-cultural.

Portanto, a ciência geográfica está em acelerado desenvolvimento, visto que as várias vertentes de pensamento que surgem, tentam compreender e explicar a Geografia em seu objeto de estudo. Entretanto, há muitas divergências entre essas correntes de pensamento, impossibilitando estabelecer um consenso. Ainda que alguns pontos em comum aproximem essas linhas de pensamento, como no caso da Geografia Crítica e da Geografia Radical, os pontos de vistas individuais e ideológicos interferem no processo de definição do objeto.

A grande questão é a quem, e a que se presta a Geografia? Neste sentido, há muitas respostas analisando-se a história da Geografia. Inicialmente utilizada para localização no espaço, demarcação do território e táticas de sobrevivência, com o passar do tempo acabou usada como instrumento de dominação e exploração entre os povos, desde a formação das primeiras civilizações até o presente momento, parafraseando Yves Lacoste (1997), quando afirma que a Geografia serve primeiramente para fazer guerra.

Entretanto, entende-se que a real importância desta disciplina, é a de compreender as relações de interação mútuas entre o homem e a natureza, através de qualquer prisma, quer seja humanístico, crítico ou cultural. Todavia, é um assunto que fica aberto ao debate, aguardando

até que apareçam novas formas de pensar a Geografia.

Referências

CAMPOS, Rui Ribeiro de. A escola alemã de geografia. **Geografia, Rio Claro**, v.26, n.2, p. 9-67, 2001.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito; VIADANA, Adler Guilherme. Fundamentos históricos da geografia: contribuições do pensamento filosófico na grécia antiga. In: Paulo Roberto Teixeira de Godoy. (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, v. 1, p. 32.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2001, p. 53.

CONTI, José Bueno. **O que é geografia?** Vol. 9 - D22 - UNESP/UNIVESP, 2012. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47195>>. Acesso em: 2 maio 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da geografia. In: Castro, Iná e outros (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 9.

DANTAS, Aldo; MEDEIROS, Tásia Hortêncio de Lima. **Introdução à ciência geográfica: a geografia na idade média**. Natal: EDUFRN, 2008, p. 2. Disponível em: <http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/introducao_a_ciencia_geografica/In_Ci_Geo_A04_I_RF_WEB_090408.pdf> Acesso em: 2 maio 2015.

_____. **A geografia vidaliana e seu contexto**. Natal: EDUFRN, 2008, p. 7. Disponível em: <http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/introducao_a_ciencia_geografica/In_Ci_Geo_A10_J_GR_260508.pdf> Acesso em: 2 maio 2015.

FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. **A evolução do pensamento geográfico**. Lisboa: Gradiva, 1990, p. 48-49.

FRANCIOTTI, Marco Antônio. **Fundamentos epistemológicos da geografia**. Indaial: Uniassselvi, 2013, p. 121.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004, p. 40.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. **Coleção “os pensadores”**. São Paulo: Abril, 1979.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, os espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930). In: CASTRO, Iná Elias et alii.(org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995, p. 14.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 63-120.

_____. **A gênese da geografia moderna**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 15.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 48.

_____. **O pensamento geográfico brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 18-19.

PEREIRA, José Veríssimo da Costa. A geografia no Brasil. In: AZEVEDO, Fernando (org.). **As Ciências no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ. 1994, p. 439-440.

SANTOS, Milton. Entrevista. **Revista Teoria & Debate**, fev. /abr. 1999, p. 6.

TANAKA, Juliana Emy Carvalho. O espaço em kant e suas contribuições na definição do conceito de região. In: Paulo Roberto Teixeira de Godoy. (Org.). **História do pensamento**. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/p5mw5/04>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.

